

Herança Cultural, História Social e Identidade Fraturada: A personagem Esperanza de *So Far from God* (1993), de Ana Castillo

Cultural Heritage, Social History and Fractured Identity: The Character Esperanza in *So Far from God* (1993), by Ana Castillo

Danielly Cristina Pereira Vieira¹
daniellycpvieira@gmail.com

Resumo: Ana Castillo é uma escritora chicana que destrincha as vivências da sua comunidade, dedicando-se especialmente às (im)possibilidades de existência das mulheres chicanas com relação à sociedade anglo. Esse artigo, por sua vez, dedica-se à personagem Esperanza, uma das integrantes de uma família composta por cinco mulheres chicanas, na obra *So Far from God* (1993) de autoria dessa escritora. Assim, o objetivo desse manuscrito é analisar a construção da personagem Esperanza, observando sua agência frente a uma identidade fraturada, oscilante e, em certos aspectos, rígida, em meio ao contexto cultural e social conflitivo que demanda a consciência *mestiza* para sobrevivência. Para isso, foram utilizadas perspectivas teóricas variadas, como Gloria Anzaldúa e o trabalho teórico da própria Ana Castillo para observar o desenvolvimento das questões específicas da situação chicana; Stuart Hall e Maria Antônia Oliver-Rotger acerca da categoria identidade; dentre outras. Desse modo, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica com método de análise alinhado à sociocrítica literária e à crítica feminista. Como conclusão, observou-se que a personagem pendulou entre concepções que a racionalidade ocidental positivista não concilia, sendo inevitável o senso de incoerência e de descompasso ao lidar com uma realidade que não se pauta na logicidade branca estadunidense que brada sua fictícia homogeneidade. Apesar disso, a personagem não desiste de sua jornada mesmo em morte, burlando as instituições de poder e retornando ectoplasmicamente para seguir buscando *conocimiento* e estimulando *conscientización* e a ação das mulheres de sua família.

Palavras-chave: Identidade; chicanismo; literatura escrita por mulheres.

Abstract: Ana Castillo is a Chicana writer who unravels the experiences of her community, focusing especially on the (im)possibilities of Chicana women's existence in relation to Anglo society. This article, in turn, is dedicated to the character Esperanza, one of the members of a family of five Chicana women, in the work *So Far from God* (1993), written by this writer. Thus, the objective of this manuscript is to analyze the construction of the character Esperanza, observing her agency in the face of a fractured, oscillating and, in certain aspects, rigid identity, amidst the cultural and social context that demands the *mestiza* consciousness for survival. To this end, various theoretical perspectives were used, such as Gloria Anzaldúa and Ana Castillo's

¹ Analista e crítica literária, seu principal interesse de estudo é a literatura escrita por mulheres nas perspectivas da crítica literária feminista, sociocrítica e mitocrítica. Integra os grupos de pesquisa Crítica feminista e Autoria feminina: cultura, memória e identidade (UFGD) e Estudos da Personagem (PUC/GOIÁS).

own theoretical work to observe the development of specific issues of the Chicana situation; Stuart Hall and Maria Antònia Oliver-Rotger regarding the category of identity; among others. Thus, bibliographical research was developed with an analysis method aligned with literary sociocriticism and feminist criticism. In conclusion, it was observed that the character oscillated between conceptions that Western positivist rationality does not reconcile, making the sense of incoherence and disharmony inevitable when dealing with a reality that is not based on the white American logic that shouts its fictitious homogeneity. Despite this, the character does not give up on her journey even in death, circumventing the institutions of power and returning ectoplasmically to continue seeking *conocimiento* and stimulating *conscientización* and action among the women in her family.

Keywords: Identity; chicanism; literature written by women.

INTRODUÇÃO

A imagem da fronteira/*la frontera*/*borderlands* cunhada por Glória Anzaldúa (2012) evoca uma noção espacial. No entanto, a representação de um limite ou demarcação geográfica, apesar de existente na ideia, não esgota a complexidade da sua significação. Similarmente, a noção da *mestiza* construída pela teórica sugere uma perspectiva corpórea que, apesar de presente, não encerra a sua conceituação. Por isso, concordo com Maria Antònia Oliver-Rotger (2003) quando a estudiosa afirma que para compreender o lugar imaginário da *mestiza* precisamos discutir tanto os espaços físicos quanto os discursivos das fronteiras e dos conflitos históricos entre países, gêneros, raças e classes, além das comunidades que os habitam e transformam. Em suma, seria necessário entender que tanto a fronteira quanto a *mestiza* constituem-se enquanto metáfora e realidade — física, geográfica, cultural, econômica, social etc. Assim, a fronteira de Anzaldúa (2012) se mostra como um espaço complexo de cruzamentos e de confrontos, de alienação e de luta, de opressão e de resistência, que está especialmente, mas não unicamente, situado entre os Estados Unidos da América e o México. Nesse contexto, a *mestiza*, é o ser que carrega em seu corpo, mente e espírito essas contradições, habitando e se locomovendo na fronteira.

Nessa lógica, Oliver-Rotger (2003) pontua que, na literatura escrita por mulheres de origem mexicano-americana, contradições individuais e coletivas encontram-se presentes haja vista a recusa à homogeneização, especialmente com relação à representação de sujeitos marcados étnico e racialmente. Seguindo essa corrente, na obra *So Far from God* (1993), Ana Castillo constrói personagens que, apesar de estarem relacionadas a arquétipos culturais, não são dogmaticamente delimitadas. Dentre as personagens, entendo que Esperanza, a filha primogênita da matriarca Sofia, seria a que mais abertamente manifesta a perspectiva do choque de realidades e da posição conflituosa do *Eu* chicano quando este se encontra em uma posição imediatamente anterior a de *la mestiza*. Em outras palavras, Esperanza transparece a inquietude psíquica da mulher chicana vislumbra os paradoxos da sua realidade e procura estratégias para lidar com eles, mas tendendo a buscar ainda uma identidade delimitada, uma verdade completa e única que a represente, algo incompatível com a consciência *mestiza* porosa, híbrida e contraditória. Assim, meu objetivo aqui é analisar a construção da personagem Esperanza, observando sua agência frente a uma identidade fraturada, oscilante e, em certos aspectos, rígida, a partir da herança cultural e da história social de sua comunidade, a população chicana, de modo a concluir, como bem afirmou Anzaldúa (2012), que “rigidez significa morte” (p.101 [tradução minha]²)³, sendo este, como veremos, o destino da personagem que, no entanto, conseguirá ultrapassá-lo.

“SHE HAS SPENT HER WHOLE LIFE TRYING TO FIGURE OUT WHY SHE WAS THE WAY SHE WAS”

Teóricos como Stuart Hall (2006) e Maria Antònia Oliver-Rotger (2003) apontam o paradoxo da era em que vivemos desde finais da década de 1980, a chamada pós-modernidade. Nesse contexto, estaríamos tanto vivendo em tempos de busca pela desmistificação da estabilidade das noções identitárias e da subjetividade que passam a

² Todas as traduções com originais em notas de rodapé são de minha autoria.

³ “Rigidity means death” (Anzaldúa, 2012, p. 101).

ser, além de desintegradas, situadas socio-historicamente, quanto reivindicando identidades políticas relativamente estáveis dentro de categorias como classe, raça, gênero, sexualidade, nacionalidade etc. Dessa realidade, especialmente ao pensar o indivíduo inserido em alguma minoria política, depreendo a possível dificuldade deste de, dentro dessa chamada crise do sujeito pós-moderno, definir e resgatar uma tradição cultural, política e identitária a fim de defender sua ancestralidade, e, simultaneamente, perceber que essa mesma tradição se encontra em um perpétuo estado de cruzamentos e intercambiamentos frequentemente forjados de forma violenta que não podem ser retirados da equação. Assim, entendo Esperanza como uma possível representação desse sujeito que se encontra em contextos identitários conflitantes.

Estando durante toda a sua vida em uma complexa busca identitária, a personagem transita por moldes que, mesmo quando intimamente relacionados a sua cultura, não a preenchem completamente. Pontua ser justamente a impossibilidade de singularizar e enclausurar a subjetividade chicana em alguns elementos socioculturais o motivo da angústia:

Esperanza respirou fundo e soltou o ar lentamente. Ela passou a vida inteira tentando descobrir por que ela era do jeito que era. No ensino médio, embora rebelde, ela era católica de coração e alma. Na faculdade, ela teve um romance com o marxismo, mas ainda era católica. Na pós-graduação, ela era atea e, em geral, cínica. Ultimamente, ela rezava para a Avó Terra e o Avô Céu. Só por precaução, no entanto, ela estava lendo uma enxurrada de livros de autoajuda. Ela leu tudo o que pode encontrar sobre famílias disfuncionais, agora certa de que parte de seu senso pessoal de deslocamento na sociedade tinha a ver com sua criação (Castillo, 1993, p. 38-39)⁴.

⁴ “Esperanza took a deep breath and let it out slowly. She has spent her whole life trying to figure out why she was the way she was. In high school, although a rebel, she was Catholic heart and soul. In college, she had a romance with Marxism, but was still Catholic. In graduate school, she was atheist and, in general, a cynic. Lately, she prayed to Grandmother Earth and Grandfather Sky. For good measure, however, she had been reading a flurry of self-help books. She read everything she could find on dysfunctional families, certain now that some of her personal sense of displacement in society had to do with her upbringing” (Castillo, 1993, p. 38-39).

Com o fragmento acima, percebo que as principais oscilações identitárias da personagem envolvem a questão religiosa e a questão política a serem aqui analisados.

Partindo do princípio, Esperanza é apresentada como a única da família a ter cursado o ensino superior, obtendo o bacharelado em Estudos Chicanos. Nesse tempo, ela conviveu com Rubén, seu namorado que, “durante o auge de sua consciência cósmica chicana, renomeou-se Cuauhtemoc” (Castillo, 1993, p. 25)⁵, tal como fez o presidente liberal Benito Juárez (1806-1872). No entanto, da mesma forma que o movimento Chicano nas universidades perderam a força quando seus líderes concluíram seus estudos (Gonzales, 2019), logo após a formatura, “Cuauhtemoc” — que descartara a alcunha, reassumindo-se novamente enquanto Rubén — “abandona [Esperanza] por uma gabacha de classe média com um Corvette; eles compraram uma casa em Northeast Heights em Albuquerque logo após o casamento” (Castillo, 1993, p. 26)⁶. Sendo a voz narrativa extremamente irônica e perspicaz em seus comentários, é significativa a descrição realizada, pois destaca o casamento de Rubén com uma anglo economicamente bem-sucedida, como uma alegoria do abandono do Chicanismo — e de Esperanza —, em prol de uma assimilação ao capitalismo branco burguês estadunidense.

A rejeição de Rubén, surte um efeito agridoce na personagem:

Esperanza sempre teve muita coragem, como se costuma dizer, mas ela teve um ano ruim depois de Cuauhtemoc, que era Rubén novamente antes dela se recuperar, e decidiu voltar para a universidade para um mestrado em comunicação. Ao receber seu diploma, ela conseguiu um emprego na estação de TV local como locutora de notícias. Esses foram anos de transição em que ela sentiu que uma mulher com cérebro estava praticamente morta por toda a felicidade que isso lhe trouxe no departamento de amor (Castillo, 1993, p. 26)⁷.

⁵ “(...) during the height of his Chicano cosmic consciousness, renamed himself Cuauhtemoc” (Castillo, 1993, p. 25).

⁶ “Cuauhtémoc dumped her /for a Middle-class gabacha with a Corvette; they bought a house in the Northeast Heights in Albuquerque right after their wedding” (Castillo, 1993, p. 26).

⁷ “Esperanza always had a lot of “spunk,” as they say, but she did have a bad year after Cuauhtemoc, who was Rubén again before she recovered and decided to go back to the university for an M.A. in communications. Upon receiving her degree, she landed a job at the local T.V. station as a news broadcaster.

Nesse fragmento, percebo como a personagem tende a oscilar por extremidades. Apesar de corajosa e determinada, fica evidente que o término com Rubén a afetou significativamente ao ponto de ela vivenciar um ano inteiro de reestruturação. Dessa mágoa, ela decide voltar-se para si mesma e reinvestir na sua educação, área na qual a relação com Rubén havia sido vivida, além de ter se afastado da espiritualidade, assumindo uma postura sarcástica e ateuista. Aparentemente, vê-se uma Esperanza voltada para si, mas em meio a dubiedade de sensações e incompletudes: ela havia concluiria o mestrado e conseguiria um bom emprego, no entanto, continuaria consternada por estar totalmente pendida para os aspectos práticos, funcionais e profissionais, enquanto a questão sentimental, amorosa e, como argumentarei posteriormente, espiritual estarem ausentes.

Em continuidade, ela rapidamente consegue uma oferta mais vantajosa de trabalho em uma cidade grande e economicamente mais desenvolvida. No entanto, na mesma semana em que decide pedir demissão para aceitar a nova oportunidade e manter-se na direção do desenvolvimento utilitário e laboral, ela recebe uma mensagem de Rubén: “Almoço amanhã?” [*Lunch tomorrow?*] (Castillo, 1993, 35), apenas duas palavras em uma mensagem seca e direta após anos sem comunicação depois do fim do relacionamento. Credo estar determinada em prol do que considerava ser um dos melhores momentos de sua vida, ela aceita, afinal, “logo ela estaria saindo do Novo México, ampliando seus horizontes, libertando-se do provincianismo de sua criação, e Rubén com sua esposa loira e sua casa de três quartos, garoto coiole, cachorro e minivan poderiam viver felizes para sempre no que dizia respeito a ela” (Castillo, 1993, p. 35)⁸.

These were transitional years where she felt like a woman with brains was as good as dead for all the happiness it brought her in the love department” (Castillo, 1993, p. 26).

⁸ “Soon she would be getting out of New Mexico, broadening her horizons, freeing herself from the provincialism of her upbringing, and Rubén with his blond wife and their three-bedroom house, coyote kid, dog, and minivan could just live happily ever after as far as she was concerned” (Castillo, 1993, p. 35).

Entretanto, no almoço, ela descobre que Rubén, abandonado pela esposa e pelos filhos, dirigindo agora um calhambeque, havia retornado à Igreja Nativa-Americana, confessando lembrar-se dela em todas as cerimônias em que participava. Assim, ele reaparece despido dos elementos capitalista e anglo e dedicado novamente ao Chicanismo e, especialmente, à ancestralidade indígena. Nesse sentido, a presença de Rubén funciona como um ímã que influencia o discernimento de Esperanza, sugestionando as suas atitudes. Nas palavras da voz narrativa “ele ainda tinha aquele tipo de magnetismo animal que ela sempre sentiu por ele” (Castillo, 1993, p. 35)⁹. Nesse ponto, infiro que, para além da atração física e sexual, é insinuado uma relação instintiva, interiorizada e corpórea, oposta ao pragmatismo racional da vida profissional. Assim, novamente, é sugerida uma constante polarização na vivência de Esperanza. Colocando-se uma vez mais em posição de escolha entre, supostamente, opostos, a personagem tanto opta por não retornar ao trabalho naquele dia, como a desistir da proposta em Houston. Dessa forma, ela posterga o lado objetivo e prático e trespassa para o lado oposto da balança, retornando ao posicionamento que começava a ocupar durante a graduação e assumindo uma disposição integral na espiritualidade guiada por Rubén.

A cada duas semanas ela estava lá com Rubén, nas tendas da Igreja Nativo-Americana, Rubén cantando e tamborilando, mantendo o fogo, vigiando a “porta”, ensinando-lhe o que fazer e o que não fazer de sua interpretação da “etiqueta” na tenda e o papel das mulheres e o papel dos homens e como eles não deveriam ser questionados. E ela concluiu como havia feito durante seus primeiros dias, por que não? (Castillo, 1993, p. 36)¹⁰.

Nesse fragmento é possível alcançar como, em um primeiro momento, é complexo separar as personagens e manter-se focalizando apenas em Esperanza. Isso ocorre, pois,

⁹ “[...] he still had that kind of animal magnetism she always felt toward him” (Castillo, 1993, p. 35).

¹⁰ “Every two weeks she was right there with Rubén, at the teepee meetings of the Native-American Church, Rubén singing and drumming, keeping the fire, watching the “door,” teaching her the dos and don’ts of his interpretation of lodge “etiquette” and the role of women and the role of men and how they were not to be questioned. And she concluded as she had during their early days, why not?” (Castillo, 1993, p. 36).

a personagem Rubén se encontra constantemente intervindo na vida dela, funcionando como um mentor, tal como o foi desde a época universitária quando ela iniciava o processo de expansão de sua consciência para além dos dogmas católicos e adentrava em novas possibilidades de compreender o mundo tanto espiritualmente quanto social, cultural e politicamente. Por isso, observando a relação, entendo que ela vai além do aspecto afetivo.

É dito pela voz narrativa que, na graduação, ela teve um *romance* com o marxismo. Neste sentido, argumento que o se relacionar amorosamente para Esperanza não se restringiria apenas à questão sentimental e/ou sexual. Percebo que o estímulo para a personagem optar por manter-se nessa relação se encontra na possibilidade de exploração intelectual, política, filosófica, étnica e ritualística proposta por Rubén que alimenta a sede por entendimento de si. Por isso, quando dedicada apenas à carreira, ela se sente incompleta pela ausência de *amor*. Nesse contexto, é determinante essa relação complexa ser entendida não apenas como a dualidade clássica entre carreira *versus* vida doméstica e matrimonial, haja vista esses últimos serem aspectos jamais mencionados pela personagem. Ademais, Sofia, sua mãe, critica o relacionamento com Rubén por ele não ser consagrado em matrimônio. Ela julga a escolha da filha com o questionamento alegórico de “por que um homem deveria comprar a vaca quando pode ter o leite de graça?” (Castillo, 1993, p. 25-26)¹¹. Nesse ponto, Esperanza a responde: “Eu não sou uma vaca” (Castillo, 1993, p. 26)¹², desprendendo-se da noção comercial e patriarcal do matrimônio, negando o posicionamento de objeto a ser usado em uma permuta ou em uma operação mercantil, afirmando-se enquanto indivíduo com agência. Assim, argumento a dualidade simbólica presente seria entre carreira, vida prática, a inserção no mundo anglo capitalista *versus* o chicanismo, a ancestralidade, a espiritualidade, o engajamento político, que Rubén representa, embora embebido pelo patriarcalismo.

¹¹ “Why should a man buy the cow when he can have the milk for free?” (Castillo, 1993, p. 25-26).

¹² “I am not a cow” (Castillo, 1993, p. 26).

Portanto, discordo de Simona Lozovschi (2016) quando a pesquisadora interpreta Esperanza como, embora trabalhadora, sendo desesperada por afeição e amor, elementos que teriam feito a personagem sacrificar a sua carreira na tentativa de obtê-los. Discordo, pois, se assim o fosse, entendo que haveria mais indícios na obra de sua busca por amor, como o relacionamento com outros homens, ou uma ênfase na existência de sentimentos *por* Rubén, o que não constato na narrativa. Percebo que o que abala a personagem é a complexidade da sua busca impossível de se encerrar em um único objetivo, sendo, portanto, custoso para Esperanza pela sua tendência a enxergar o mundo dualmente.

Além disso, nesse reencontro, ela não se encontra no mesmo local de jovem recém-saída da adolescência ainda pautada nos preceitos católicos e que apenas iniciava sua jornada de autoconhecimento. Portanto, é somente nesse primeiro momento que a personagem escolhe aceitar as explicações e normas replicadas por Rubén, pois ela “não tinha amigas indígenas nativas para verificar nada do que estava sendo informado por Rubén sobre o papel da mulher no que eles estavam fazendo, [por isso] ela não se atreveu a contradizê-lo (Castillo, 1993, p. 36)¹³. Assim, a aceitação inicial Esperanza acerca das ordens baseadas nos papéis de gênero impostas por Rubén não se sustenta por uma suposta carência afetiva, mas por uma carência de experiência, especialmente compartilhada entre seus pares, reflexo da estruturação inicial do chicanismo e da influência da espiritualidade institucionalizada, ambos profundamente pautados no patriarcalismo. Como aponta Gonzales (2019), apesar de progressistas, grande parte dos chicanos eram conservadores com relação aos papéis sociais da mulher e da família, desencorajando a ação política ativa das suas companheiras de movimento. Além disso, as feministas chicanas “sentiram que, ao retornar às suas raízes culturais, muitos chicanos

¹³ “[...] Esperanza had no Native women friends to verify any of what was being told to her by Rubén about the woman’s role in what they were doing, she did not venture to contradict him” (Castillo, 1993, p. 36).

infelizmente passaram a glorificar todos os aspectos da cultura indiscriminadamente, incluindo os elementos misóginos” (Gonzales, 2019, p. 271)¹⁴.

Nessa perspectiva, é possível entender que Rubén age de modo a conduzir Esperanza pela jornada que ele trilhou ao concebê-la como objeto condutor da realização espiritual *dele*. Dentro deste cenário, Mirta Vidal (1997) afirma que comumente os chicanos percebiam as chicanas como unicamente úteis para as atividades ritualísticas e sexuais, contribuindo para a tripla opressão das suas companheiras de movimento. Assim, para além das violências de raça e classe compartilhadas com eles, esses comportamentos reforçariam a violência de gênero. Esperanza, proponho, encontra-se em uma situação similar a essa, haja vista os encontros com Rubén repetirem-se unicamente quando havia reuniões na Igreja Nativa-Americana, nos quais eles participavam de algumas cerimônias e encerravam o dia de celebração com sexo. Por isso, após meses nessa rotina, “ela estava começando a se sentir parte de um ritual do qual ela mesma participava como um símbolo desavisado, como um cajado, um chocalho ou um remédio” (Castillo, 1993, p. 36)¹⁵.

Em uma perspectiva histórica, Jennie V. Chávez (1997) pontua que, inicialmente, uma grande parcela das mulheres chicanas acreditava que o seu papel dentro do movimento seria o de seguir e dar suporte — inclusive sexual — aos homens na luta por *La Raza*. No entanto, descreve a estudiosa, com a expansão do ensino e o crescimento dos índices educacionais referentes às chicanas, elas teriam se tornado progressivamente mais conscientes, o que inclui a percepção e a politização das opressões, abrangendo as praticadas pelos homens de sua comunidade. Nesse contexto, “as mulheres estão agora prontas para se ativar. Eles não podem mais ficar quietas e uma nova revolução dentro de uma revolução começou” (Chávez, 1997, p. 45)¹⁶. Desse modo, é a inquietação de Esperanza com relação as dinâmicas de poder impostas por Rubén que começa a

¹⁴ “They felt that in returning to their cultural roots, many Chicanos had unfortunately come to glorify all aspects of the culture indiscriminately, including the misogynistic elements” (Gonzales, 2019, p. 271).

¹⁵ “She was beginning to feel like part of a ritual in which she herself participated as an unsuspecting symbol, like a staff or a rattle or medicine” (Castillo, 1993, p. 36).

¹⁶ “The women are now ready to activate themselves. They can no longer remain quiet and a new revolution within a revolution has begun” (Chávez, 1997, p. 45).

mobilizar a personagem para outras direções. Ao negar a ascensão profissional dentro de uma estrutura capitalista anglo no qual o individualismo impera, a personagem teria se redirecionado à espiritualidade comunitária ancestral. No entanto, sendo Rubén o intermediário dessa conexão, ela é maculada pela autoridade patriarcal. Nesse contexto, ela começa a perceber que continuava habitando a incompletude que tanto buscou preencher, ainda construindo espaços duais e aparentemente inconciliáveis.

Com o passar dos meses, a separação entre reuniões e suores tornou-se inquietante. Isso a isolava completamente de sua outra vida, a vida que Rubén chamava depreciativamente de “carreirista”. Ela se sentiu simplesmente triste e solitária nesse aspecto. Ela queria compartilhar com ele essa parte de sua vida. Ela precisava juntar tudo, consolidar o lado espiritual com o lado prático das coisas. Mas sempre que ela sugeria a Rubén que almoçassem novamente como fizeram da primeira vez ou saíssem em um encontro regular entre os encontros, ele simplesmente recusava sem desculpas, arrependimentos ou explicações (Castillo, 1993, p. 36-37)¹⁷.

Desse fragmento, depreendo que começa a ser semeado o impulso da conexão entre paradigmas antagônicos que, se cultivado, poderia desembocar no desenvolvimento da consciência *mestiza*. Além disso, considero que esse movimento reverbera o início de um entendimento acerca de como o (pós-) moderno e o ancestral se interatuam de modo a influir na autopercepção e determinação das mulheres chicanas no processo de enfrentamento das controvérsias dessa realidade em prol de atingirem a *conscientización*. Ana Castillo (2014) expõe que a “*conscientización* nos ajuda a sermos autoconfiantes e assertivos na busca de nossas necessidades e desejos” (Castillo, 2014, p. 37)¹⁸. No entanto, Anzaldúa (2015) explica que, para avançar em *el camino del conocimiento*, é de

¹⁷ “As the months went on, their separation between meetings and sweats had become unsettling. It completely closed her off from her other life, the life which Rubén referred to derogatorily as “careerist”. She felt just plain sad and lonely about it. She wanted to share with him that part of her life. She needed to bring it all together, to consolidate the spiritual with the practical side of things. But whenever she suggested to Rubén that they have lunch again like they did that first time or to go out on a regular date in between meetings, he simply declined with no apologies, regrets, or explanations” (Castillo, 1993, p. 36-37).

¹⁸ “[...] our *conscientización* helps us to be self-confident and assertive regarding the pursuing of our needs and desires” (Castillo, 2014, p. 37).

suma importância o confronto e ultrapassagem das situações e elementos que violentam o indivíduo. Assim, é a partir da compreensão do desconforto e do enfrentamento dentro da conectada estrutura moderna-ancestral-patriarcal que a personagem redireciona o seu trajeto:

Ele falou com ela no telefone como se ela fosse uma amiga casual. Uma amiga casual com quem orava e com quem fazia amor, mas a quem não podia ligar para perguntar como ela estava. Quando era o tempo da lua, o distanciamento entre eles aumentava, pois ela não tinha permissão para ir à reunião ou suar, nem ele gostava de fazer amor com ela. Um amigo casual que aceitava como presente mantimentos, os passeios no carro *dela* com o gás *dela*, subindo e descendo o sudoeste para participar de reuniões, que ligou pra ela a cobrar no mês em que partiu em uma “peregrinação” para visitar as ruínas maias pelo sul do México, onde ela não tinha sido convidada para se juntar a ele, que sempre a deixava pagar a conta sempre que paravam em algum lugar para tomar umas cervejas e burritos pouco antes de deixá-lo — depois das reuniões, suores, fazer amor, ir para casa para que ela pudesse se aprontar para aquele emprego pelo qual ele tanto suspeitava dela de se vender para a sociedade branca, mas que pagava toda a comida, gasolina, telefonemas e até, vamos admitir, as notas de dez e vinte que ela discretamente deixava na cômoda do quarto dele sempre que ela ia lá, sabendo que ele poderia usá-las e iria pegá-las, embora ele nunca tivesse pedido diretamente a ela (Castillo, 1993, p. 39-40)¹⁹.

Desse modo, a voz narrativa escancara a ironia do relacionamento. Rubén, que se apresenta ao lado de Esperanza em sua jornada como uma espécie de guia político-espiritual, mostra-se patético, dependente e medíocre. Ela constata que a relação estava

¹⁹ “He talked to her on the phone like she was a casual friend. A casual friend whom he prayed with and whom he made love with, but whom he could not call to ask on a given day how she was doing. When it was her moon-time the estrangement between them widened since she was not permitted to go to the meeting or to sweat, nor did he like to make love to her. A casual friend who accepted her gifts of groceries, the rides in *her* car with *her* gas, all up and down the Southwest to attend meetings, who called her collect the month he left on a “pilgrimage” to visit the Mayan ruins throughout southern Mexico, where she had not been invited to join him, who always let her pick up the tab whenever they stopped someplace for a few beers and burritos just before she left him — after the meetings, sweats, lovemaking, to go home so she could get herself ready for that job which he suspected her so much of selling out to white society for but which paid for all the food, gas, telephone calls, and even, let’s admit it, the tens and twenties she discreetly left on his bedroom dresser whenever she went over, knowing he could use it and would take it, although he would never have asked her directly for it” (Castillo, 1993, p. 39-40).

prejudicando o seu desenvolvimento, cerceando-a, concluindo, então, ser improfícuo manter o convívio já que o trajeto percorrido até o momento não condizia com o que ela esperava. Esse momento da diegese também contribui com o meu argumento de que o vínculo entre as duas personagens não se sustentava pela questão afetiva/sexual haja vista a simplicidade do término, pois “ela concluiu que a fatalidade para eles como casal era inevitável. Eles tiveram o último suor em Taos Pueblo e se separaram ao amanhecer como amigos” (Castillo, 1993, p. 46)²⁰.

Além disso, a decisão pelo rompimento é tomada imediatamente após a recuperação miraculosa de duas das irmãs de Esperanza que se encontravam profundamente debilitadas. Como irmã mais velha, a personagem nutria tanto um senso de obrigação pela manutenção da família, quanto vivia um processo árduo de entendimento, de dar sentido a si e às peculiaridades do seu núcleo familiar, por isso “(...) ela leu tudo o que pode encontrar sobre famílias disfuncionais, certa agora que parte de seu senso pessoal de deslocamento na sociedade tinha a ver com sua criação” (Castillo, 1993, p. 39)²¹. Assim, com a certeza de que a mãe não estaria mais sobrecarregada após a regeneração de Caridad e recobro da estabilidade de Fe “era hora de ir embora, decidi Esperanza, para longe” (Castillo, 1993, p. 39)²². Por isso, ela se reorienta à questão profissional e se muda para Washington, D.C. para assumir o posto de âncora em uma importante emissora de televisão. Nessa nova conjuntura, argumento que a personagem inverte a balança mais uma vez e deposita a sua expectativa, sua *esperanza* em dar um sentido racional a sua existência, na sua carreira profissional. No entanto, será essa busca incessante que encerrará sua vida, constatando a impossibilidade de alcançar um sentido uno, como demonstrarei mais adiante.

²⁰ “She concluded that fatality for them as a couple was only inevitable. They had one last sweat up at Taos Pueblo and parted at dawn as amigos” (Castillo, 1993, p. 46).

²¹ “She read everything she could find on dysfunctional families, certain now that some of her personal sense of displacement in society had to do with her upbringing” (Castillo, 1993, p. 39).

²² “It was time to get away, Esperanza decided, far away” (Castillo, 1993, p. 39).

Após a mudança, repentinamente, Esperanza retorna para casa por um fim de semana pois estava sendo enviada como repórter para Arábia Saudita. No caminho, ela decide que ligaria para Rubén “porque nenhum tipo de livro de autoajuda de mulher branca e não importava quantos rosários ela rezasse resultaria em dar ao seu espírito a coragem que ela recebeu da tenda do suor e que ela certamente precisa agora mais do que nunca” (Castillo, 1993, p. 47)²³, o que, mais uma vez, contribui para a não limitação da relação entre eles com o amor romântico, além de consolidar o vínculo espiritual da personagem com a ancestralidade indígena. Assim, em clima de despedida, Esperanza alimenta seu corpo com suas comidas favoritas preparadas por sua mãe e o espírito com Rubén, com o qual passa a noite.

Questionada pelo pai, ela apenas responde “Papai, é parte do meu trabalho... Vou embora na terça. E foi isso” (Castillo, 1993, p. 48)²⁴. Assim, tal como, por muito tempo, Esperanza escolheu acolher as normativas ditadas por Rubén, ela opta por acatar a orientação dada pela emissora, mesmo temerosa com a tarefa. Argumento que esse posicionamento da personagem pode ser entendido pela sua inclinação a uma homogeneidade imaginária que a mantém fixada em posições julgadas por ela como apropriadas em um dado momento e que dificilmente se combinam com outras concepções que também habitam a personagem. Nesse entendimento, ela transiciona bruscamente entre as opções, escanteado o que não seria tido como compatível a partir de uma lógica racional e vivendo em constante perplexidade e imprecisão.

Anzaldúa (2012) afirma que mulheres e demais minorias inseridas em contextos culturalmente múltiplos tendem a desenvolver uma capacidade de trânsito e de desafio das concepções unidas da sociedade convencional. Essa habilidade, nomeada *la facultad*, faria com que ela fosse capaz de adentrar nas profundezas dos fenômenos da realidade

²³ “Because no kind of white woman’s self-help book and no matter how many rosaries she prayed, would result in giving her spirit the courage she got from the sweat lodge and which she surely need now more than ever” (Castillo, 1993, p. 47).

²⁴ “Papi, it’s part of my job... I’m leaving Tuesday. And that was that” (Castillo, 1993, p. 48).

social, interpretando-os não por meio de um raciocínio consciente e pragmático, mas por uma mudança de percepção que, nas palavras de Anzaldúa (2012),

aprofunda a forma como vemos objetos e pessoas concretas; os sentidos tornam-se tão aguçados e penetrantes que vemos através das coisas, vemos os acontecimentos em profundidade, uma perfuração que atinge o submundo (o reino da alma). À medida que mergulhamos verticalmente, a ruptura, com sua nova visão que o acompanha, nos faz prestar atenção à alma e, assim, somos levados à consciência — uma experiência da alma (o Eu) (p. 61)²⁵.

Essa detecção tão penetrante, portanto, vai além do pensamento lógico e racional que costuma reger a personagem, mesmo no que diz respeito à espiritualidade. Embora o trafegar entre blocos identitários, como a cultura católica e a espiritualidade indígena, seja um processo relativamente comum dentre as mulheres chicanas, é visível que em Esperanza esses blocos de tendem a ser diferenciados em vez de serem conciliá-los, como apregoa a consciência *mestiza*.

Unindo a questão religiosa à política, Castillo (2014) emparelha o cristianismo à doutrina marxista, aplicando a ambos a mesma crítica. A estudiosa defende que, ao omitirem o chamado feminino e as mulheres de seus princípios, ou seja, ao optarem por excluir cerca de metade da população de seus projetos de construção da sociedade e focarem em objetivos masculinistas, ambos pensamentos bloquearam uma real transformação social. Similarmente, o início do Movimento Chicano também desconsiderou as pautas das mulheres. Dessa forma, a proposta de Castillo (2014), por exemplo, aponta Guadalupe como modelo espiritual e político, nutridor e emancipador. Além disso, sendo consenso, como sublinha a teórica, de que, às feministas chicanas, para além da luta com relação às questões de gênero, também é atribuída a luta em prol da comunidade de modo geral, não se mostra inconciliável ideologicamente Catolicismo e

²⁵ “Deepens the way we see concrete objects and people; the senses become so acute and piercing that we see through things, view events in depth, a piercing that reaches the underworld (the realm of the soul). As we plunge vertically, the break, with its accompanying new seeing, makes us pay attention to the soul, and we are thus carried into awareness — an experiencing of soul (Self)” (Anzaldúa, 2012, p. 61).

Marxismo, por exemplo, tão pouco Catolicismo e Feminismo Chicano, e Catolicismo e crenças indígenas ancestrais. Assim, a voz narrativa do romance aponta que, desde a adolescência, enquanto católica e rebelde e, posteriormente, enquanto católica e marxista, o choque de percepções existia na personagem que lutava para atribuir sentido a sua constituição. Desse atrito, nomeia-se ateia e, em seguida, revive a espiritualidade indígena ancestral ao mesmo tempo em que, aparentemente ainda não satisfeita, crê que a sua confusão identitária ocorreria como um reflexo da realidade conturbada e peculiar da sua família, buscando ferramentas para entendê-la e, talvez, encontrar meios para equilibrá-la.

Castillo (2014) pontua que a feminista chicana busca equilíbrio acima de tudo. No entanto, enquanto a teórica o entende com uma perspectiva maleável de adaptação e navegação por entre as discrepâncias, percebo que o equilíbrio buscado por Esperanza tende a refletir uma visão unívoca e totalizante. Nesse sentido, ela constantemente se percebe mergulhando em mundos apresentados como opostos no que diz respeito à religião, à política, aos relacionamentos, oscilando angustiadamente entre eles, sem que consiga habitar efetivamente a fronteira. Desse modo, transitando entre ditas verdades estáveis, a personagem, por fim, deposita sua esperança na carreira profissional.

Entretanto, como mencionei anteriormente, o destino da sua viagem é a Arábia Saudita para a realização da cobertura da Guerra do Golfo, onde ela desaparece com sua equipe, deixando como vestígios apenas o “jipe abandonado, seis mil dólares em dinheiro, equipamento de câmera e passos na areia que conduziam às linhas inimigas (Castillo, 1993, p. 84)²⁶. Lidando com essa realidade trágica, Sofia e Domingo, pai de Esperanza, realizam diversas viagens para Washington D.C. na tentativa de obter respostas sobre o paradeiro da filha. Isso só é possível com a ajuda financeira da comunidade que se unira em prol da família, já que os poderes institucionais não pareciam trabalhar por eles. Em *So Far from God* (1993), a ironia e a crítica por vezes são sutis, mas encontram-se

²⁶ “[...] abandoned jeep, six thousand dollars in cash, camera equipment, and footsteps in the sand leading toward enemy lines” (Castillo, 1993, p. 84).

constantemente presentes. Assim, percebo essa movimentação como uma referência à ausência de um efetivo trabalho das instituições de poder em benefício da comunidade chicana, algo que se encontra presente desde a formação da nação estadunidense contra os mexicanos-americanos. Além disso, antes do envio da personagem a essa atribuição, o seu pai, Domingo, questiona qual seria o motivo de enviarem alguém ainda relativamente inexperiente na profissão e, acrescento, em um trabalho especialmente delicado e perigoso. Afinal, “como é que eles não mandam alguém com mais experiência, como la Diana Sawyer?” (Castillo, 1993, p. 48)²⁷. Parece incontestável a referência à Diane Sawyer, jornalista estadunidense branca, loira, com vasta experiência na política institucional e partidária, e em trabalhos como correspondente. Desse modo, acrescento alguns questionamentos à inquietação de Domingo. Em um ofício especialmente hostil e instável, qual seria a opção da emissora: enviar uma jornalista preparada ou a mulher de origem mexicana recém-chegada à empresa? Qual vida seria menos sentida em caso de um fim trágico? Qual baixa daria menos prejuízo à empresa e à (ideia de) Nação? Assim, o interesse governamental existente por ser ano de eleição, como pontua a voz narrativa, e o da população estadunidense pelo desaparecimento de Esperanza paulatinamente vai se esvaindo e o interesse nacional se extingue.

Com a confirmação da sua morte, embora com ausência do corpo, Rubén é reinserido na diegese lembrando particularmente o início do relacionamento, momento em que descobrimos que Esperanza sempre foi central politicamente.

De volta à faculdade, se não fosse pela Esperanza que liderou o protesto, eles nunca teriam uma aula de Estudos Chicanos oferecida no currículo. Se não fosse pela Esperanza, quem saberia da luta dos Trabalhadores Agrícolas Unidos no campus? Quem jamais teria contado a ele sobre qualquer coisa? Como ele teria sabido sobre Salvador Allende do Chile removido por um golpe militar, ou ouvido Victor Jara, o cantor de protesto, ou ouvido sobre suas belas mãos de

²⁷ “How come they don’t send someone with more experience, like la Diana Sawyer...!” (Castillo, 1993, p. 48).

violão sendo esmagadas por coronhas de soldados? (Castillo, 1993, p. 239-240)²⁸.

Assim, se ele funcionava enquanto um mentor espiritual, apesar do machismo entranhado nas suas percepções, ela foi a guia política de Rubén, além de trabalhar diretamente pela comunidade chicana, inserindo-a no currículo da faculdade. É possível perceber por esse fragmento, e pela menção ao marxismo, a inclinação política da personagem como sendo combativa ao capitalismo, ao imperialismo e ao neocolonialismo. Além disso, o nome da personagem funciona como um jogo de palavras no fragmento acima, afinal, se não fosse pela esperança, como lutar em prol de grupos historicamente violentados pelas instituições de poder instituídas a gerações? Logo, é mordaz a sua morte ocorrer em um ambiente bélico imperialista e ocupando a função de difundir esse poderio expansionista em favor da nação estadunidense. Destino traçado pela personagem através de suas próprias decisões, noto uma ironia ácida nessa construção. Esperanza utiliza da sua agência para transferir-se entre contextos em vez de negociá-los enquanto a *mestiza* de Anzaldúa (2015) que não permite se “abrigar em noções colonialistas simplistas de diferenças raciais, fronteiras excludentes e binarismos (como o outro-de dentro)” (p. 73)²⁹. Nesse sentido, a personagem, que outrora se posicionava totalmente à esquerda, torna-se, em morte, símbolo da ideologia oposta, pois “Esperanza morreu como uma heroína americana, dizia a carta. Mesmo sendo civil, o Exército intercedeu e, eventualmente, Sofi foi levada para Washington, D.C., para receber uma medalha postumamente concedida à filha” (Castillo, 1993, p. 159)³⁰.

²⁸ “Back in college, if it wasn’t for la Esperanza who led the protest, they never would have had one Chicano Studies class offered on the curriculum. If it wasn’t for la Esperanza who would have known about the struggle of the United Farm Workers on campus? Who would have ever told *him* about anything at all? How would he have known about Salvador Allende of Chile removed by a military coup, or heard Victor Jara, the protest singer, or been told about his beautiful guitar-playing hands being smashed by soldiers’ rifle butts?” (Castillo, 1993, p. 239-240).

²⁹ “We do not allow ourselves to shelter in simplistic colonialist notions of racial difference, exclusionary boundaries, and binaries (such as other-insider)” (Anzaldúa, 2015, p. 73)

³⁰ “Esperanza died an American hero, the letter said. Even though she had been a civilian, the Army had interceded, and eventually Sofi was taken to Washington, D.C., to receive a medal posthumously awarded to her daughter” (Castillo, 1993, p. 159).

Conceitos como etnicidade e identidade, segundo Maria Antònia Oliver-Rotger (2003), envolvem categorias instáveis, representativas e construídas socialmente. No entanto, como ela destaca, a consolidação do chicanismo enquanto identidade tendeu a uniformizar a população mexicana-americana, o que termina por evidenciar as diferenças intrínsecas ao grupo. Nesse sentido, as mulheres chicanas frequentemente reivindicaram a necessidade de flexibilizar e diversificar o movimento, abraçando as controvérsias típicas da sua realidade e afastando-se de ideologias nacionalista e essencialista que embasaram o início da formação ideológica e política do Movimento Chicano. Por outro lado, a estudiosa pontua que representações binárias, como mente-corpo e natureza-cultura colonizam os corpos e mentes das mulheres. Nessa situação, “a questão, porém, não é tanto acabar com a oposição, mas mostrar as implicações políticas de dar mais valor a um elemento sobre o outro, ou de negar a relação entre eles” (Oliver-Rotger, 2003, p. 90)³¹. Unindo ambos os argumentos, depreendo que Esperanza, mesmo profundamente politizada e inserida no Movimento Chicano, ainda raciocina por meio de modelos fixos cunhados pelo Ocidente. Desse modo, ela se mostrou incapaz, em vida, de amalgamar prática e teoria, espiritualidade e carreira, posicionamento político e postura profissional, mantendo cada aspecto da sua constituição compartimentada e apartada umas das outras.

Ao morrer, entretanto, ela termina por abraçar todos os seus aspectos. Da ancestralidade, a personagem recorre ao auxílio de La Llorona que “viajou astralmente por todo o velho México para os Estados Unidos, e realmente em qualquer lugar onde seu povo viveu” (Castillo, 1993, p. 160)³², para noticiar sua morte à sua família; da espiritualidade, ela desafia as concepções racionais e retorna à comunidade de forma espectral; acerca de sua ideologia política e trabalho enquanto jornalista, ela mantém-se

³¹ “The question is however not so much to do away with the opposition, as to show the political implications of giving more value to one element over the other, or of denying the relationship between them” (Oliver-Rotger, 2003, p. 90).

³² “[...] astral-traveled all throughout old Mexico, into the United States, and really anywhere her people lived [...]” (Castillo, 1993, p. 160).

firme, defendendo suas ideias e trazendo à tona para Caridad, sua irmã curandeira, questões públicas

sobre a guerra, sobre as políticas equivocadas do presidente, sobre como o público estava sendo enganado sobre muitas coisas que estavam acontecendo por trás de todo aquele negócio de guerra, como as pessoas poderiam obter alguns resultados tomando medidas como se recusar a pagar impostos (Castillo, 1993, p. 163)³³.

Além de influenciar o pensamento de sua mãe que decide tornar-se a primeira prefeita da comunidade e erguê-la social e economicamente por meio do trabalho comunitário. Nesse sentido, a personagem, assim como a força inerente ao significado de seu nome, jamais morre, trabalhando sua agência permanentemente de modo que “(...) todo mundo sabia que Esperanza, teimosa como sempre, ainda estava por perto” (Castillo, 1993, p. 204)³⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo com a metáfora de Anzaldúa (2015) acerca dos espaços fronteiriços habitados pela *mestiza* ser “como brotos tenros de grama, plantas empurrando contra o cimento fixo de disciplinas e crenças culturais, eventualmente derrubando as lajes de cimento” (p. 73)³⁵. Nessa imagem, no entanto, posiciono Esperanza como se locomovendo não na fronteira, mas em traslado de uma laje para a outra, sem alcançar efetivamente, portanto, a consciência *mestiza*, sem se tornar uma *nepantlera*, isto é, a habitante e sobrevivente do Nepantla, ao menos em vida. É inegável, entretanto, o movimento agentivo da personagem de busca e luta tanto por entendimento da sua realidade chicana, *mestiza*.

³³ “[...] about the war, about the president’s misguided policies, about how the public was being fooled about a lot of things that were going on behind that whole war business, how people could get some results by taking such measures as refusing to pay taxes” (Castillo, 1993, p. 163).

³⁴ “[...] everyone knew Esperanza, stubborn as she had always been, was still around” (Castillo, 1993, p. 204).

³⁵ “[...] are like tender shoots of grass, plants pushing against the fixed cement of disciplines and cultural beliefs, eventually overturning the cement slabs” (Anzaldúa, 2015)

O Movimento Chicano tendeu a reproduzir uma consciência racial e identitária monolítica revisada apenas com o Feminismo Chicano que, por exemplo, se reapropriou das categorias culturais indígenas em prol das mulheres do movimento. Nesse contexto, figuras estabelecidas, como a de La Llorona, foram relativizadas e reinterpretadas, sendo associadas, por exemplo, à sensação contínua de deslocamento sentido socioculturalmente pelas mulheres mexicanas-americanas (Oliver-Rotger, 2003). Assim, La Llorona é requisitada por Esperanza para auxiliá-la a se comunicar com sua família, anunciando seu falecimento e abrindo caminho para o seu retorno em forma espectral.

Durante o tempo em que esteve viva, a personagem pendulou entre concepções que a racionalidade ocidental positivista não concilia. Sendo essa a propensão de raciocínio da personagem, muito mais prática e em busca de coesão do que pautada na fluidez típica e necessária à consciência *mestiza*, é inevitável o senso de incoerência e de descompasso ao lidar com uma realidade que não se pauta na logicidade branca estadunidense que brada sua fictícia homogeneidade.

Entretanto, a personagem não desiste. Ela não simplesmente morre, como ocorre com sua irmã Fe, que tem seu corpo deteriorado pelo capitalismo. O corpo de Esperanza jamais é encontrado, negando homenagens militares póstumas a ela. Sua matéria permanece em trânsito, em suspensão, tal qual seu espírito que burla as instituições de poder e retorna, em nova oportunidade, para seguir buscando *conocimiento*, estimulando *conscientización* e ação das mulheres de sua família que seguiram vivas. Por isso, no baralho de tarot construído ao final da obra por Sofia, Esperanza é o cavaleiro no naipe de espadas, uma carta que simboliza a brava luta por realização, a satisfação de alcance de seus objetos, ao mesmo tempo que enfatiza os bruscos trânsitos e modificações que a jornada poderá demandar e que, muitas vezes, poderá ser árdua e torturante, pela ausência das ferramentas necessárias para alcançar o seu propósito. Nesse sentido, a carta de tarot resume a agência da personagem, que buscou e seguiu buscando desbravar as suas complexidades, os paradoxos da sua cultura e as contradições de suas escolhas, “pois ela

havia sido impulsionada por seu yang tanto quanto por seu yin por causa do que ela acreditava” (Castillo, 1993, p. 250)³⁶.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera**. The new mestiza. São Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

ANZALDÚA, G. **Light in the Dark / Luz en lo oscuro**: rewriting identity, spirituality, reality. Carolina do Norte: Duke University Press, 2015.

CASTILLO, A. **So far from God**. Nova York: Norton Paperback, 2005 [1993].

CASTILLO, A. **Massacre of the dreamers**. Albuquerque: University of the New Mexico Press, 2014.

CHÁVEZ, J. V. Women of the Mexican American Movement. *In*: GARCÍA, A. M. (Ed.) **Chicana Feminist Thought**. The Basic Historical Writings. Londres e Nova York: Routledge, 1997.

GONZALES, M. G. **Mexicanos**. A History of Mexicans in the United States. Indiana: Indiana University Press, 2019.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LOZOVSKI, S. The Multiple other in Ana Castillo’s *So Far from God*. **Gender Studies**, v. 14, n.1, 138-153, 2016.

OLIVER-ROTGER, M. A. **Battlegrounds and crossroads**: Social and imaginary space in writings by Chicanas. Nova York: Rodopi, 2003.

VIDAL, M. New Voice of La Raza: Chicana Speaks Out. *In*: GARCÍA, A. M. (org.) **Chicana Feminist Thought**. The Basic Historical Writings. Londres e Nova York: Routledge, 1997.

³⁶ “[...] for she had been driven by her yang as much as her yin for the sake of what she believed” (Castillo, 1993, p. 250).

Data de recebimento:01/11/2024
Data de aprovação:10/12/14